

# RESENHA

---

CABRERA, Julio. *Margens das filosofias da linguagem*. Brasília: UnB, 2004, 319p.

## **Manual negativo para conversão ao pluralismo filosófico**

Quão plural pode chegar a ser a filosofia antes que os “esses” de uma gramática polifônica derretam o sentido singular de cada uma de suas notas? Antes que a tolerância entre os pensamentos e as concepções filosóficas as converta em uma geléia uniforme e insossa na qual não se distinga mais as diferentes texturas que animam o relevo da história da filosofia? Absolutamente, responderá Julio Cabrera. Mas também, e apenas!, negativamente, acrescentará ele, ajeitando-se a si próprio no fluxo das filosofias com timbre singular.

O que quer dizer tal tese plural-negativista? Bem, algo sobre o que se pode falar, e, na clave cabreriana, sobre o que não se deve calar; ao contrário, algo pelo que vale a pena lutar. Mas algo que, segundo creio, será muito melhor entendido, uma vez que tenha sido experimentado. No brejo movediço das linguagens, a experiência – a experiência filosófica – é melhor amparo que os conceitos. Penso, pois, que descrever o livro *Margens das Filosofias da Linguagem* como uma experiência faz jus ao grandioso esforço que nele empreendeu seu autor, ao mesmo tempo que adverte o leitor do que a sua leitura exige (e haverá alguma leitura em filosofia que nada demande e ainda valha a pena?), a saber: abertura para a experimentação.

No caso deste livro, os ingredientes da experimentação são as filosofias mais importantes do final do século XIX e do século XX. Uma mistura fina, urdida contra toda a etiqueta filosófica e nem por isso indigesta. Um ecletismo blasfêmico capaz de horrorizar mesmo alguns entre os pensadores mais ecumênicos e, a um só tempo, capaz de entreter e instruir os não-iniciados. Marx a dialogar com Heidegger. Esses a se corrigirem por Gadamer e Frege. Freud e Russell a serem repreendidos por Merleau-Ponty e Husserl. E todos a medirem-se por Wittgenstein com o metro que os une a todos ao tempo que traça as margens que os separam: as filosofias da linguagem. Assim mesmo, num insistente plural para o qual nos quer converter Cabrera. Haverá para essa conversão uma regra, um conjunto de instruções, um mapa do caminho? Um manual de iniciação, quem sabe? Vamos devagar com o andor, que na procissão dos filósofos é preciso mostrar antes de mais nada que os santos são de barro; todos! Cabrera inclusive.

VERITAS	Porto Alegre	v. 51	n. 1	Março 2006	p. 147-160
---------	--------------	-------	------	------------	------------

O que são filosofias da linguagem? A tradição contemporânea circunscreve a extensão deste conceito ao produto dos pensadores para os quais a desmontagem das estruturas lógicas das sentenças é a base de seu método. Analíticos! Eis como são rotulados esses pensadores. Cabrera tem outra demarcação. Para ele, filosofias da linguagem são filosofias para as quais a linguagem não interessa, na medida em que veicula algo, mas na medida em que constitui – e investiga – conceitos e estruturas de compreensão do mundo. Ora, que filosofia escaparia ao redemoinho dessa definição? Nenhuma que mereça o nome. Cabrera concorda, nomeia suas espécies – analítica, hermenêutica, fenomenológica e metacrítica – e entrecruza tudo o que vicejou no pensamento contemporâneo para defender um ponto. Sim, leitor, um ponto moral no final das contas; e conscientemente moral, qual seja: nenhuma filosofia pode justificar a eliminação de qualquer outra.

Na filosofia moral cabreriana, negativa como já se pode antecipar, não há decálogo. “Não matarás!” é tudo o que ela prescreve. E sobre que fundamentos se equilibraria essa norma? Algum que seja negativo, é claro. Nossa suscetibilidade existencial, a frágil condição que nos é comum, nossa finitude, enfim. Nessa perspectiva, o que nos iguala não é nada de positivo, mas a negatividade em nós que paradoxalmente floresce na existência. Mas não por muito tempo. Afinal, o nada em algum momento nadifica. Nós o sabemos. Isso nos angustia e sobre os temores do sofrimento e da morte edificamos nossas ilusões auto-sustentadas. Por exemplo, a ilusão da superioridade sobre os outros, ou a da imortalidade. Mas também a ilusão do entendimento. Ilusão essa que mascara, no plano das filosofias (e aqui é quase supérfluo adjetivá-las como da linguagem), a finitude de cada uma.

Se o leitor quer uma chave para entender as confrontações que Cabrera enena nos capítulos I, II e III, saiba que ela tem constituição moral e está nas margens do rio que por ali corre. Está na introdução e no capítulo quatro, que, aliás, melhor estaria no texto, se não fosse justamente um capítulo. Um manifesto, talvez. Por certo, não uma conclusão, mas nunca um capítulo. De qualquer modo, entre essas margens o que se desenvolve é o drama do fracasso de cada uma das espécies de filosofias da linguagem em lidar com questões filosóficas e com dimensões da linguagem e expressividade humanas que somente uma outra espécie é capaz de alcançar. Em si todas são insuficientes. A experiência do fracasso deveria conduzi-las à humildade.

O ponto em que fracassam é o mesmo que as impulsiona positivamente, ainda que sob perspectivas diferentes, isto é: lutar contra as falhas da significação. Para os analíticos, – os mais fustigados por Cabrera, certamente por terem estado no século vinte no topo da pirâmide social da filosofia, e por serem, pois, os que mais estariam a precisar de uma lição contra a arrogância – o ponto se apresenta no sem-sentido, mas o objetivismo que lhes é característico amputa dimensões fundamentais do problema, como o tempo ou a experiência vivida. A fenomenologia amplia o horizonte analítico com a dimensão da intencionalidade (da qual a intencionalidade analítica é apenas um correlato inautêntico, pois ainda fundamentalmente objetiva), sem que o problema do sem-sentido seja domado. Falta à fenomenologia a temporalidade e historicidade que a hermenêutica agrega à abordagem do problema, que

nela é chamado de mal-entendido. O heroísmo hermenêutico, no entanto, desaba nas distorções básicas dos significados, matéria das filosofias metacríticas, Marx e Freud.

Para fechar o círculo com um aceno positivo aos analíticos, o que não fez Cabrera, e nisso creio-o injusto (e veja que não digo errado, mas injusto!, bem no tom nietzschiano com que fecha o livro), valeria dizer que, se as filosofias metacríticas expõem as distorções básicas e inextirpáveis da significação, as analíticas procuram, não uma cura genética para nossas enfermidades semânticas, mas um modesto modo de viver com a doença. Um campo mínimo para a objetividade, mas que é evidentemente desejado pelos homens no seu ser no mundo com outros homens. Então, acredito que haja desmedidas na encenação cabreriana, e contudo penso que se deve conservar o sentido esclarecedor e denunciativo de suas contraposições negativantes.

De fato, projetos humildes, como julgo ser, em princípio, o analítico, podem disfarçar pretensões despropositadas. A negação de tudo o que não é objetivo, por exemplo. Se, no oceano da linguagem, o que há de seco está em nossa pequena embarcação, então pode-se ficar tentado a pensar que isso é tudo o que há. Já críticas demolidoras, com as que operam as filosofias metacríticas, podem abrigar terapias tão salvadoras quanto ilusórias: a cura psicanalítica ou a utopia comunista.

Por isso, o resultado da experiência de confrontações só pode ser a resignação na finitude. E não se pode dizer que Cabrera não tenta ser coerente com sua negatividade. Se o consegue, é história bem diferente. Ao fim e ao cabo, tal resignação – creio que ele o concederia – tem de ser um exercício de transmutação do vigor expansivo-destrutivo da força vital de onde nascem as filosofias em uma força resignada de sua fraqueza, o que ele chama de uma força vital inteligente (cf. p. 278). Cabrera tem toda razão em pensar que Nietzsche abominaria essa idéia. Ela é emasculadora de forças e não libertadora delas. Mesmo sem o martelo e a bigorna de Nietzsche, a idéia parece-me ferir a consistência entre forças, e gostaria de dizer, entre vontades. Que força pode resignar-se fraca e ainda conservar qualquer poder? Que vontade pode querer sem querer? Que juízo pode um sujeito afirmar, antecipando ele próprio sua desconfiança no que diz, mas pretendendo, ao mesmo tempo, alguma universalidade?

O problema está na norma inspiradora do projeto. O “não matarás!” cabreriano! Não falemos de homens, embora o mundo seja testemunha de que o que se aplica às filosofias vale também para eles (afinal, a via pela qual nos levou Cabrera da moral entre homens à moral entre filosofias tem mão dupla). Fiquemos nas filosofias. A força que as impulsiona para a universalização aniquiladora das demais é, nos termos do próprio Cabrera, um *movimento vital irrefreável* (cf. p. 277), e isso a despeito de ser isso um *privilegio impossível de justificar* (cf. p. 277). Ocorre que a força não pede justificativas. Ela só quer expandir-se e só o que a detém são outras forças. De minha parte, suspeito que o impulso universalizante da vontade tem muito a ver com a própria instauração do significado, mas essa é uma intuição que mereceria seu próprio campo para germinar e este aqui, no qual agora escrevo, pertence à crítica e não à criação.

No embate entre forças, parece-me ingênuo querer que valha uma norma para manter vivos os combatentes. E é isso algo a se lamentar no campo do pensamento? Ora, no essencial aspecto da mortalidade, filosofias não são homens. Mesmo esquecidas, vencidas, refutadas, superadas ou renegadas, hão de encontrar – como tem sido até agora o caso – e sem que para isso seja necessária uma regra de civilidade para a sua convivência, inauditas forças para eclodirem em *desbordante expansão vital* (cf. p 283).

No âmbito das confrontações mutuamente negativadoras das pretensões desmedidas entre as filosofias da linguagem, o fenômeno que impinge a todas flagrante derrota é o humano. Cabrera aponta – com justiça aqui – que nem uma das espécies de filosofias, que estiveram lado a lado, no último século e meio, pode, sozinha, dar conta da complexidade do humano. É nesse sentido que, para Cabrera, toda compreensão é, em última análise, uma ilusão auto-sustentada. Parece-me que o outro lado desta tese é que toda expressão tem então de ser vista como uma ilusão projetada aos outros. Há, todavia, um discurso que faz dessa própria condição sua chave de leitura. Esse é a literatura. Nela, ao contrário da filosofia, não se é chamado antes a compreender, mas a experimentar. Eu disse, no início, que o texto de Cabrera exigia uma abertura para a experimentação. Bem, isso se esclarece então na sua vocação para transitar entre o diapasão da filosofia e o da literatura. É como experiência, e, portanto, como literatura, que ele é um manual para o que não pode haver manual, nos termos da citação de Cortázar com a qual Cabrera abre seu livro. Um manual negativo!, é certo. Um manual assim é um que diz o que só pode ser experimentado; no caso em questão, a conversão ao pluralismo filosófico.

Adriano Naves de Brito (UNISINOS)

---